

UM MANIFESTO URGENTE DE JONATHAN CRARY SOBRE A SOCIEDADE DIGITAL CONTEMPORÂNEA

AN URGENT MANIFESTO BY JONATHAN CRARY ON CONTEMPORARY DIGITAL SOCIETY

UN MANIFIESTO URGENTE DE JONATHAN CRARY SOBRE LA SOCIEDAD DIGITAL CONTEMPORÂNEA

CRARY, Jonathan. *Terra arrasada* - Além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista. São Paulo: Editora UBU. Tradução de Humberto do Amaral. 2023. 192p.



Érika de Moraes

Docente na Universidade Estadual Paulista - UNESP, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Câmpus de Bauru; credenciada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do IBILCE-UNESP, Câmpus de São José do Rio Preto. Doutora em Linguística pelo IEL-UNICAMP, com pós-doutoramento pela Université Paris-Sorbonne.

Profesora de la Universidad Estadual Paulista - UNESP, Facultad de Arquitectura, Artes, Comunicación y Diseño (FAAC), Campus de Bauru; acreditada en el Programa de Postgrado en Estudios Lingüísticos del IBILCE-UNESP, Campus de São José do Rio Preto. Doctora en Lingüística por el IEL-UNICAMP, con estudios posdoctorales en la Université Paris-Sorbonne.

E-mail: erika.moraes@unesp.br

RESUMO

O livro resenhado problematiza a suposta inevitabilidade da supremacia digital e argumenta sobre os vínculos da internet com a cultura capitalista. Identificando o esgotamento de recursos, Jonathan Crary visualiza um estado de terra arrasada.

PALAVRAS-CHAVE: ERA DIGITAL; COMUNICAÇÃO DIGITAL; PÓS-CAPITALISMO; INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.

ABSTRACT

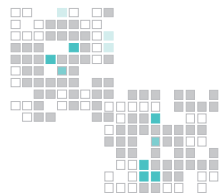
The reviewed book problematizes the supposed inevitability of digital supremacy and argues about the links between the internet and capitalist culture. Identifying resource depletion, Jonathan Crary envisions a scorched earth state.

KEY WORDS: DIGITAL AGE; DIGITAL COMMUNICATION; POST-CAPITALISM; ARTIFICIAL INTELLIGENCE.

RESUMEN

El libro reseñado problematiza la supuesta inevitabilidad de la supremacía digital y argumenta sobre los vínculos entre internet y la cultura capitalista. Al identificar el agotamiento de los recursos, Jonathan Crary visualiza un estado de tierra arrasada.

PALABRAS CLAVE: ERA DIGITAL; COMUNICACIÓN DIGITAL; POSCAPITALISMO; INTELIGENCIA ARTIFICIAL.



Pode-se dizer que a história da comunicação e da imprensa se confunde com o próprio desenvolvimento da sociedade capitalista, como já afirmava Sodré (1966). Assim, a recuperação histórica expendida por Jonathan Crary em *Terra arrasada*, embasada pelo estudo de diversos teóricos e articulada com seus posicionamentos, é de importância fundamental para a compreensão da sociedade contemporânea, que, por sua vez, praticamente se confunde com seus meios de comunicação digitais.

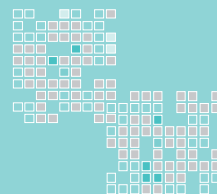
Incomodado com a aparente “suposição sem ressalvas da permanência e inevitabilidade da internet como elemento definidor da vida social, econômica e cultural”, Crary (2023, p. 9) propõe a possibilidade de pensar um outro mundo possível, pautado na urgente e necessária rejeição a um modelo que, sentencia, encontra-se em estado de terra arrasada, podendo convergir tanto para um fim insólito quanto para uma reconfiguração positiva do planeta em termos ecológicos e solidários.

Concebe o autor que a chamada era digital e o capitalismo tardio são sinônimos, não podendo ser entendidos um sem o outro. Assim, seria possível subverter a lógica de que a internet e seus aparatos digitais foram capazes de remodelar o mundo e, ao contrário, compreender que estes foram possibilitados por um certo estado da sociedade, ainda que esta, hoje, naturalize as tecnologias.

O autor descreve o estado de terra arrasada atrelado ao “empobrecimento e à corrosão da experiência individual e compartilhada” (Crary, 2023, p. 11). Mais do que pensar em vírus cibernéticos, robôs que substituem o trabalho humano ou vigilâncias e controles em torno de tudo que nos constitui, incluída nossa retina ocular por meio da biometria, o autor se preocupa com a desfiguração inexorável de “nossa percepção e as capacidades sensoriais necessárias para que conheçamos e nos liguemos afetivamente às pessoas” (Crary, 2023, p. 11). Ou seja, para além dos perigos proclamados (e estes já são fortes o bastante), trata-se mesmo do cerne do que nos constitui como humanos.

O livro conta com três capítulos sem títulos específicos, bem respaldados por dados e pesquisas, a maioria deles citados em notas de rodapé, prevalecendo, do ponto de vista da escrita, um tom mais eloquente do que acadêmico, num proclamado intuito de alcance da mensagem. Segundo palavras do próprio autor em prefácio, as principais resenhas estadunidenses sobre sua obra, positivas ou negativas, focalizaram as declarações categóricas das páginas iniciais, nas quais o autor assume o tom de manifesto diante da urgência do tema. Para ele, no entanto, o âmago do texto se encontra no capítulo 3, onde reflete sobre “os danos que são infligidos ao olhar, ao rosto e à voz pela imersão perpétua em ambientes on-line” (Crary, 2023, p. 11).

Para o autor, nossa subordinação compulsória e passiva à imersão nas redes sociais,



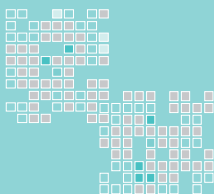
vista como inevitável e praticamente como um acontecimento que irrompeu do estado natural das coisas é, na verdade, “essencial para a meta neoliberal de invisibilizar ou de tornar inconcebível qualquer abertura para modos não opressivos de viver” (Crary, 2023, p.11). Ao evidenciar como naturalizado aquilo que é visto como natural, o autor revela as possibilidades para um mundo que identifica como “pós-capitalista”, seja por uma via de conscientização ou de um esgotamento extremo de recursos.

Ao propor a reivindicação de nosso tempo como “tempo vivido” (Crary, 2023, p. 17) e não como tempo submerso em pseudo-vida digital, o autor nos leva a refletir sobre o “monitoramento” e a “interpelação de qualquer pessoa que esteja conectada” (Crary, 2023, p. 25). Remete aos algoritmos que, supostamente, sabem tudo sobre nós (como se pudessem saber sensorialmente sobre nossos mais íntimos sonhos) e buscam extorquir nossos desejos enquanto “navegamos” por “nuvens” (palavras que simulam um sistema limpo, ecológico e independente da materialidade de um *data center*).

Por mais que o autor aponte os furos da ideologia vigente, segundo a qual o mundo capitalista-digital seria irreversível, não é sem dificuldades que a transformação social poderia se dar, já que as redes digitais, segundo sua percepção, fazem circular apenas as ideias de mais fácil apresentação. Presume, então, que a transição não acontecerá on-line.

O autor tece uma crítica ao fato de que o “fervor aparentemente altruísta” (Crary, 2023, p. 37) a respeito do acesso digital consista numa campanha generalizada pela adesão ao modelo, incluindo o aprendizado em computadores nas escolas, desde as crianças mais novas, uma questão que também preocupa a neurocientista Maryanne Wolf (2019), para quem estamos perdendo a capacidade de leitura profunda e o funcionamento de sistemas cerebrais a ela envolvidos. A falta de acesso à banda larga é associada à condição de privação e carência de oportunidades. Nessa aparente boa intenção, o autor percebe a meta de “transformação de todas as pessoas em consumidores cativos e obedientes” (Crary, 2023, p. 37) dos produtos e serviços daqueles que mais se beneficiam, uma vez que a expansão do acesso à internet teria acentuado as desigualdades econômicas, e não o contrário. Diz o autor: “a ‘alfabetização digital’ é um eufemismo para comprar, jogar on-line, maratonar séries e se engajar em outros comportamentos monetizados e viciantes” (Crary, 2023, p. 37).

Nesse ínterim, o autor escrutina o fato de que a proclamada inclusão é, de fato, a inclusão no capitalismo, muitas vezes correspondendo a “processos violentos da modernização ocidental” que se voltam “contra a sobrevivência de singularidades locais e regionais” (Crary, 2023, p. 38). Desmascara, assim, as premissas colonizadoras por trás das táticas do apaziguamento que, fundamentadas em seus próprios vieses, permitem a outros povos serem “como nós”. E vai além, ao argumentar que o funcionamento de plataformas e aplicativos contemporâneos



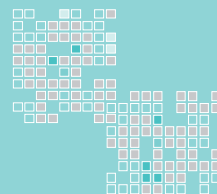
“não só permitiu como também recompensou comportamentos sociopatas” (Crary, 2023, p. 46), sobre o que é válido refletir mais profundamente em tempos de ameaça à segurança nas escolas.

Ainda sobre nossos tempos, boa parte do deslumbramento em relação ao mundo digital advém de sua associação a um imaginário ecológico não poluente, quando, na verdade, recursos naturais são extraídos cada vez mais perto de seus “últimos suspiros”. Em seu livro, o autor apresenta dados alarmantes, a exemplo da expansão global da mineração, citando o caso da mina de Grasberg, na província indonésia de Papua, correspondente a uma cratera escavada de 30 km quadrados, que despeja nos rios locais, semanalmente, mais de 700 mil toneladas de rejeitos.

Na visão do autor, a história mostrou que “o capitalismo é inconciliável com qualquer tipo de conservação e preservação” (Crary, 2023, p. 54), dado seu vínculo com a objetificação da natureza. As questões ambientais, assim, encontram-se no cerne do que o leva à caracterização de um “capitalismo em sua fase terminal de terra arrasada” (Crary, 2023, p. 59). Para o autor, terra arrasada também significa o sufocamento da esperança e a destruição de possibilidades mais singulares para a juventude, que é levada a cultivar hábitos e comportamentos previsíveis, enquanto é categorizada em segmentações geracionais que são, a rigor, inventadas (*millennials*, geração Z etc.).

A eloquência do autor escancara, por assim dizer, os subtextos contemporâneos. Na era de ChatGPT, cujo parâmetro é o raciocínio da Inteligência Artificial, o ser humano é facilmente descartado como alguém sem a possibilidade de acúmulo de informações equivalentes às máquinas. É aí mesmo que a problemática reside: comunicar e significar por meio da linguagem não se resume a acumular informações e a processos lógicos. Crary (2023, p. 93), então, concentra-se na questão principal e, geralmente, preterida: a própria habilidade em ser um ser humano, e deliberar como um, já que “velocidades computacionais tão altas tornam irremediavelmente obsoleto o tempo necessário para a deliberação reflexiva entre seres humanos”. Eis a gravidade do tema: o que está em jogo é “a despossessão do pensamento e a evaporação daquilo que costumava ser entendido como a interioridade e a volição” (Crary, 2023, p. 94), instituindo, como uma das características da sociedade digital, um novo tipo de consciência baseada no “presentismo”, pautado em ilusões como a da disponibilidade infinita de recursos e serviços.

Como os recursos disponíveis são escassos, não é coincidência que a posse do dinheiro seja um sinônimo de poder. Crary esmiúça a metáfora de *O Conde de Monte Cristo*, obra perene escrita por Alexandre Dumas em 1844, também popularizada no cinema, que bem pode ser transposta para a realidade dos *influencers* sobre finanças e investimentos que



temos estudado (Moraes, 2019; 2021). Se a internet nasceu com o discurso e o sonho da democratização da informação, hoje explicitamente impera a monetização, mediatizada por algoritmos.

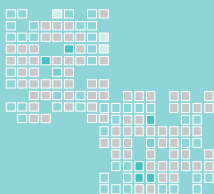
Enfim, o capítulo 3, que o próprio autor considera crucial, chega a ser poético mesmo em sua urgente seriedade. Nele, o autor reforça a “incompatibilidade irremediável entre as operações on-line e a amizade, o amor, a comunidade, a compaixão, o livre desenrolar do desejo ou o compartilhamento da dúvida e da dor” (Crary, 2023, p. 131). Faltam o olhar, o afeto, o encontro face a face, prevalecendo a “matematização do mundo” (Crary, 2023, p. 134).

Ao abordar a biometria, o autor aponta não somente os perigos mais evidentes, como a vigilância e o controle, mas especialmente o fato de que técnicas similares se transformam numa espécie de adestramento para “a conversão de comportamentos e respostas humanos em informações quantificáveis” (Crary, 2023, p. 139), o que o leva a concentrar seu interesse no destino daquilo que entende como a condição de existência da intersubjetividade humana: a voz, o rosto e o olhar. O olho é tanto hoje “um local decisivo para a coleta de dados” (Crary, 2023, p. 141) quanto ele próprio é moldado a um olhar amorfo.

O olhar é reificado, maximizando uma lógica que já advém de projetos mais antigos de persuasão, que buscam induzir a olhar e comprar algo com a ilusão de uma escolha autônoma. Assim, sentencia o autor, “as consequências mais perturbadoras do rastreamento ocular têm menos a ver com vigilância e privacidade do que com o rebaixamento e a rotinização do olhar” (Crary, 2023, p. 149). Estaríamos perdendo habilidades humanas como “a capacidade de ver um rosto ou de ouvir uma voz em suas profundidades temporais, de apreender as marcas e os sons de experiências acumuladas ao longo de toda uma vida” (Crary, 2023, p. 166). Estaríamos perdendo o senso de “responsabilidade compartilhada” (p. 168), atrofiando singularidades e a “espontaneidade em muitas de nossas interações verbais” (p. 172), bem como a “capacidade de escutar” (p. 174). A solidão verdadeira, reflexiva e deliberativa perde espaço para a individualista.

Rotas para um mundo diferente existiriam, mas, segundo o autor, não serão encontradas nas ferramentas de busca da internet. Crary vislumbra o limiar de um mundo pós-capitalista, dado o estado terminal de recursos disponíveis, mas não significa que será um tempo glorioso de bonanças. Menciona a escassez, conforme concebida por Sartre (2002 apud Crary, 2023) como base de toda a história humana, notando que esta, no estágio de últimas consequências, pode levar a “formas inimagináveis de selvageria” (Crary, 2023, p. 182), ao que contrapõe a possibilidade de outros horizontes.

A abordagem de Crary é declaradamente socialista, levando-o a apontar contrastes como



a impossibilidade de uma “internet socialista” ou um “capitalismo verde”. Considerada a relevância de uma abordagem como a sua, o que caberia acrescentar é uma problematização quanto ao fato de que bastaria romper com o modelo corrompido para transformar o mundo em algo coletivamente mais digno. Em outras palavras, seria preciso pensar se um novo regime efetivamente romperia com a desigualdade, ao mesmo passo que proporcionasse lugares para as singularidades (vide autocracias como contra exemplo), embora o autor mencione o exemplo promissor de sociedades passadas, sobretudo no Sul Global. Isso não impede o reconhecimento ao autor por expor detalhadamente os problemas do modelo vigente, apenas adicionaríamos a pergunta filosófica se, de fato, não é o ser humano que carrega em si a possibilidade de corromper-se em qualquer sistema. Ainda que seja assim (não consideraria honesto deixar de apontar a utopia da esperança em um novo modelo), o cultivo de valores propostos pelo autor, como a solidariedade, representa bom antídoto, qualquer que seja o regime, para evitar o aniquilamento do ser humano.

A densa temática dessa obra é uma espécie de metáfora para a própria produção acadêmica, do que é exemplo esta resenha. O contato com diversas pesquisas, num encontro deliberativo com outros estudiosos, é sempre reflexivo e ponderativo, podendo ser entremeado por momentos de bloqueio e/ou cultivo (quando há muito estudo fundador que antecede à etapa de algum resultado escrito). Que esta resenha seja ao mesmo tempo uma pequena colheita e uma semente que estimule muitas outras vozes a dialogar com o autor e a deliberar sobre a “terra arrasada”. E que alguns dos mistérios da íris possam permanecer resguardados.

Referências

- MORAES, Érika de. Ethos da riqueza: caráter e corporalidade da ‘musa das finanças’, Nathalia Arcuri. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 61, p. 1-17, 2019. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v61i0.8654838>
- MORAES, Érika de. “Verdade” e sucesso: o utilitarismo econômico como um discurso em embate com a educação e a ciência. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 4, e467, 2021. DOI 10.25189/2675-4916.2021.V2.N4.ID467
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira, 1966. Série Retratos do Brasil, Vol. 51.
- WOLF, Maryanne. *O cérebro no mundo digital*. Os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

Artigo enviado em 23/05/2023 e aceito em 15/12/2023.

